

Visão – Luta – Herança

Hermann Gottlieb Dohms e a Identidade da IECLB

Martin Dreher

Conferência inaugural na Faculdade de Teologia de IECLB, proferida a 8 de novembro de 1978.

I

Na manhã de 5 de dezembro de 1956 os sinos da igreja de minha comunidade dobraram. Perguntei ao pastor: Quem faleceu? A resposta foi: O presidente Dohms. Era a primeira vez que eu ouvia este nome. Mais tarde, tive a oportunidade de vir a conhecer Hermann Gottlieb Dohms através de suas obras escritas e, principalmente, através de seu legado: A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

O que acontecera naqueles dias de dezembro de 1956? A 2 de dezembro o Pastor Dohms se dirigira a seus alunos encerrando as atividades do ano letivo. Tinha dificuldades para falar, e todos sentiam que ele estava cansado, exausto. Entre as palavras que dirigira, em despedida, aos alunos, encontram-se estas, de Dietrich Bonhoeffer:

“Von guten Mächten wunderbar geborgen,
erwarten wir getrost, was kommen mag.
Gott ist mit uns am Abend und am Morgen
und ganz gewiss an jedem neuen Tag”(1)

1) **Widerstand und Ergebung**, ed.p. Eberhard Bethge, 3ª ed. (Munique e Hamburgo, 1966), pág. 205. Ernesto J. Bernhoeft traduz esses versos assim:

“De bons poderes vemo-nos cercados,
De pensamentos para o bem voltados.
Deus está presente noite e dia,

Assim é certa hoje sua alegria”. (**Resistência e Submissão**, Rio de Janeiro 1968, pág. 197).

No dia seguinte, às 11 horas da noite, sentado à escrivaninha, preparando-se para o encontro do dia seguinte com mais de 70 pastores, que estavam reunidos em São Leopoldo para pedir sua renúncia a diversos cargos, Dohms foi acometido por um derrame. Ao anoitecer do dia imediato, 4 de dezembro de 1956, falecia sem haver recobrado a consciência. A 5 de dezembro Dohms era sepultado no Cemitério de São Leopoldo. Uma carta, dirigida a seu antigo colaborador Ferdinand Schröder (+ 1978), dizia: "São Leopoldo jamais viu um enterro assim, e, apesar disso, trata-se apenas de um pastor evangélico que é acompanhado até o seu derradeiro repouso"(2).

Esse mesmo homem, então falecido, escrevera a Schröder em 25 de outubro de 1947: "Nada me atinge, a não ser o que também atinge nosso alvo: a Igreja"(3).

Quem era esse homem?

II

Uma pessoa fascinante e, ao mesmo tempo, trágica; um homem solitário. Um homem que viveu história. Eu gostaria de dizer, inclusive, que seu nome foi um programa. Foi um homem que, liderando uma nova geração de teólogos, no então Sínodo Riograndense, procurou concretizar um programa, resumido no nome: "Deutsche Evangelische Kirche von Rio Grande do Sul" (Igreja Evangélica de Rito Alemão do Rio Grande do Sul). Esse programa visa a uma Igreja alemã, e isso significa duas coisas: seguindo ritual alemão(4), essa Igreja deve ser Igreja popular alemã ou Igreja do grupo étnico germânico. Espera-se uma Igreja evangélica, e evangélica significa, para Dohms, luterana. O programa não almeja que essa Igreja viva uma existência de gueto, mas que seja Igreja evangélica alemã no Rio Grande do Sul, i.é, no Brasil(5). A partir desse programa

-
- 2) Ferdinand Schröder, *Von Freunden und Mitarbeitern*, in: *Evangelische Diaspora* 28 (1957), p. 70.
 - 3) *Ibidem*, pág. 69. "Mich berührt nichts, was nicht unser Ziel berührt: Die Kirche."
 - 4) Cf. os estatutos do Sínodo Riograndense, in: Ferdinand Schröder, *Deutsches evangelisches Kirchentum in Südamerika*. (Hambrugo, 1927), pág. 26.
 - 5) Ainda não encontrei teólogo dentro da IECLB que se ocupasse tanto e tão profundamente com problemas brasileiros. Os títulos a seguir citados pretendem ser um pequeno exemplo dos estudos feitos por Dohms. *Der Positivismus in Brasilien*, in: DEBB 12 (1930), pág. 67ss., 81ss., 106ss., 117ss., 133., *Kirche und Staat*, in: DEBB 13. (1931), pág. 45; *Die politischen Parteien in Rio Grande do Sul im Rahmen der politischen Geschichte Brasiliens*, in: DEBB 13. (1931), pág. 119ss.; 134ss.; *Der Laizismus und der moderne Staat*, in: DEBB 13. (1931), pág. 1ss.; *Die integralistische Bewegung*, in: DEBB 16. (1934), pág. 21ss.; *Tobias Barreto und die deutsche protestantische Theologie des 19. Jahrhunderts*, in DEBB 14. (1932), pág. 63ss., 98ss.

é que devemos procurar compreender toda a atividade e todo o pensamento teológico de Hermann Gottlieb Dohms. A partir dele também deve ser compreendida a sua pessoa: Dohms é apaixonadamente alemão, i.é, sabe-se pertencente ao grupo étnico teuto, e apaixonadamente brasileiro; justamente por causa disso, perfaz um problema e uma figura trágica. Dohms, porém, também é apaixonadamente luterano, um homem, no qual se pode acompanhar, até às últimas conseqüências, a doutrina luterana dos dois reinos e a teologia neoluterana das ordenações; um homem que vive com sua Confessio Augustana e que a defende apaixonadamente contra qualquer abuso e falsa interpretação (6).

III

Nascido a 3 de novembro de 1887 em Sapiranga/RS, localidade famosa por causa do movimento messiânico dos Mucker, como filho do Pastor Paul Dohms, Hermann Gottlieb Dohms é enviado para a Alemanha aos 11 anos de idade, para ali continuar seus estudos. Freqüenta, de 1898 até 1907, o Johanneum em Gütersloh, uma instituição da Associação Missionária da Renânia, cuja finalidade era a formação dos filhos de missionários. As influências recebidas na casa paterna, mas também sua própria vocação, levam-no ao estudo de teologia. Na época em que se decide pelo pastorado, Dohms se encontra sob forte influência de círculos pietistas. Por isso tem grandes reservas frente à teologia acadêmica e não vai estudar teologia em Universidades alemãs, e sim em Basiléia, na Escola de Pregadores.

Em Basiléia, porém, entra em contato com teologia acadêmica, assistindo a aulas na Faculdade de Teologia da Universidade local. Aqui se dá a grande descoberta: a teologia de Friedrich Schleiermacher (1768-1834). A teologia de Schleiermacher vai permanecer uma influência constante na vida de Dohms. Devido a essa influência segue em 1908 para Leipzig, onde ouve preleções de Lamprecht (História da Cultura) e Hauck (História do dogma) 1909 encontram-lo em Halle, onde se dedica especialmente aos estudos de teologia sistemática e de filosofia. Decisivo para esta época é o encontro com os professores Kähler, Kattenbusch, Loofs e Menzer. Sua atenção concentra-se na teologia de Martin Kähler (1835-1912), Albrecht Ritschl (1822-1889) e Ernst Troeltsch (1865-1923). Mais tarde, Dohms dirá que se deve questionar como

6) Isso se evidencia especialmente em sua discussão com os representantes do Sínodo de Missouri e com Hans Asmussen. Cf. Martin Dreher, *Kirche und Deutschtum in der Entwicklung der Evangelischen Kirche Lutherischen Bekenntnisses in Brasilien*. (Munique, 1975), pág. 127s.

Troeltsch e responder como Kähler(7). Após colaborar por dois anos como professor no Johanneum, em Gütersloh, presta o 1º exame teológico, e, em fins de 1911, passa a freqüentar o Seminário de Pregadores em Soest, na Vestfália. Esta estada em Soest tem um significado especial. É aí que amadurece o plano de ação que mais tarde será posto em prática no Brasil. Reconhece, aí, que o método de trabalho até então usado no Sínodo Riograndense era inviável(8). Segundo sua concepção, deveria surgir uma Igreja Evangélica de Rito Alemão no Brasil; uma Igreja independente, de características próprias, mas mesmo assim ligada à ecumene.

Prestado o 2º exame teológico (1913), Dohms regressa ao Brasil em 1914. Volta casado, após haver estado afastado da terra natal por 15 anos. Em março de 1914, é ordenado em Sapiranga pelo Presidente do Sínodo Riograndense, Wilhelm Rotermund (1843-1925), e assume a Comunidade Evangélica de Cachoeira do Sul(9).

IV

Desde sua comunidade, em Cachoeira, Dohms começa a influenciar toda a vida do Sínodo Riograndense. Em 1919, Dohms começa a publicar "Deutsche Evangelische Blätter für Brasilien" (Folhas evangélicas alemãs para o Brasil). Nessa revista, desenvolve seu programa de uma Igreja Evangélica de Rito Alemão no Brasil. Para que esse alvo possa ser alcançado, Dohms apresenta três exigências ao Sínodo: 1. O Sínodo tem que se preocupar com a formação de pastores e professores, provenientes do grupo étnico teuto-brasileiro. Isso será feito através da fundação e da manutenção de uma Escola Normal e de uma Escola de Teologia. 2. O Sínodo tem que se constituir como uma Igreja de bases populares (Volkskirche) no Brasil, "em completa independência exterior". 3. O Sínodo deve "procurar, como Igreja, uma filiação à Confederação Eclesiás-

7) Comunicação que me foi feita por Erich Fülling.

8) Uma notícia da época em que Dohms se encontra em Soest nos auxilia nesse sentido. Perguntado por um colega a respeito do trabalho da Igreja no Brasil, Dohms teria respondido: "Estão fazendo tudo errado!" Comunicação de OKR J. Bartelt.

9) Os dados acima foram tirados de *Lebenslauf des stud.theol. Hermann Dohms*, de 1-12-1910, e *Lebenslauf des cand.theol. H.Dohms (Ergänzung. - Ostern 1911 - August 1912)*, de 1-8-1912. Os dois documentos encontram-se no Arquivo do Departamento de Relações Exteriores da Igreja Evangélica na Alemanha: *Personal-Akten des Königlichen Konsistoriums der Provinz Westfalen betr. den Pfarramts-Kandidaten Hermann Gottlieb Dohms aus Sapiranga (Brasilien)*. Cf. também Erich Fausel, *Präses D.Dohms. Festgabe zum 75. Synodaljubiläum*. (São Leopoldo, 1961). À pág. 6, Fausel cita ainda a cidade de Bonn, como local de estudos. O próprio Dohms nada diz a esse respeito.

tica das Igrejas Territoriais alemãs, que manifeste e assegure a ligação interna com a Igreja Evangélica da Alemanha”(10). Essas exigências já haviam sido apresentadas em anos anteriores, mas não haviam sido concretizadas. Uma das características de Dohms, porém, é o fato de fazer exigências e de concretizá-las. A 1^o de julho de 1921 dá início às atividades do Instituto Pré-Teológico, em sua própria casa; aí mesmo, essa escola vai continuar se desenvolvendo até 1927. Nesse ano é transferida para São Leopoldo. Propicia a seus alunos uma formação humanista e teológica. Mais tarde, eles deverão estudar teologia na Alemanha.

Por ocasião do Concílio Sinodal de Santa Maria (1916), Dohms comunica que sua comunidade e quatro outras estão dispostas a colocar 4% de sua receita à disposição do Sínodo. Outras comunidades seguem esse exemplo e, desde então, existem contribuições de comunidades para o trabalho da organização sinodal. Em 1919, Dohms apresenta uma moção que requer uma nova constituição para o Sínodo. O projeto apresentado é de sua autoria e vem a ser aceito com pequenas alterações. O Sínodo recebe o nome de “Deutsche evangelische Kirche von Rio Grande do Sul; sendo, porém, de se notar que Dohms traduz o termo “deutsche” com “de rito alemão”. Decisivo é, contudo, o fato de que ele procura determinar confessionalmente o Sínodo: A Confissão de Augsburg e o Catecismo Menor de Lutero são considerados escritos confessionais da Igreja Evangélica de rito alemão no Rio Grande do Sul. Este dado é importante, pois até então o Sínodo Riograndense não tivera uma base confessional clara. Em 1929, Dohms alcança a terceira exigência de seu programa: a filiação à Confederação de Igrejas da Alemanha.

Em 1926 Dohms passa a fazer parte da diretoria do Sínodo, na qualidade de tesoureiro. Aqui lhe é dada a possibilidade de levar avante o projeto de autonomia financeira do Sínodo. Finalmente, em 1935, o peso da direção, como presidente do Sínodo Riograndense, lhe recai sobre os ombros. Então, o teólogo, pedagogo e homem de finanças vai mostrar suas maiores capacidades. Vai enfrentar a época da guerra, a época da nacionalização, evitando a transferência pura e simples das discussões teológicas da Alemanha para o Brasil. Nessa época de crise, responsabiliza-se pelo envio de seus alunos do Instituto Pré-Teológico para o trabalho pastoral nas comunidades, iniciando assim com o trabalho da Faculdade de Teologia. Finda a guerra, a luta continua; não há recuos. Inicia-se o trabalho em torno da Federação Sinodal, que surge em 1950 e

10) *Die gegenwärtige Lage des Deutschtums in Brasilien und die Aufgabe der deutschen evangelischen Kirche*, in: DEBB 2 (1920), pág. 19.

desde 1954 adota o nome de Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

V

Por trás de seu programa, vamos encontrar uma concepção teológica claramente definida. Ela é movida, constantemente, pela pergunta concernente ao correto relacionamento de Igreja e germanidade, de Igreja e comunidade étnica, de Igreja e o povo do qual ela se compõe. Pois a Igreja se dirige a seres humanos, é constituída de seres humanos, deve encarnar sua mensagem no grupo ao qual se dirige. Dohms está influenciado por uma concepção romântica de povo, iniciada por Herder, e faz uma diferenciação religioso-sociológica entre Igreja e seita, diferenciação que tem suas origens em Ernst Troeltsch. Igreja é, para ele, Igreja, quando se preocupa com o homem todo, com suas dores, seus sofrimentos, suas alegrias. Ela se transforma em seita, quando só se preocupa com o espiritual. No entanto, Dohms é teólogo criativo; não copia simplesmente opiniões de outros, mas sabe traduzi-las para a realidade do Rio Grande do Sul. Em sua teologia, encontramos paralelos com exigências modernas de uma "indigenização" da Igreja; em sua teologia, encontramos a preocupação pela identidade da Igreja em seu ambiente cultural.

Para Hermann Dohms a etnia, o grupo étnico, é uma ordenação, uma determinação divina. Ao fazer esta afirmação, porém, está ciente de que a etnia não surgiu com a criação. Deus, ao criar o mundo, não criou povos. Os povos não são, pois, um desígnio original e definitivo de Deus(11). O povo, a etnia é uma ordenação relativa ao mundo, "que é, a um só tempo, um mundo do pecado e da graça"(12). Assim como as outras ordenações de Deus (matrimônio, profissão), o povo é âmbito, em que o ser humano pode experimentar pecado e graça. Pois é aqui, em sua etnia, em seu povo, que o homem se conscientiza de sua finitude. Frente à sua etnia, frente a seu povo, o ser humano tem duas opções: pode aceitá-los ou rebelar-se contra eles, negando essa finitude imposta por Deus. Rebelando-se, procurando romper essa finitude, o homem pode procurar construir "um reino definitivo da humanidade" – e isso seria humanismo – ou o homem pode ainda colocar sua etnia

11) *Volk und Kirche, Gedanken zur theologischen Begründung volkstädtlicher Arbeit*, in: DEBB 16 (1934), pág. 125. Ao examinarmos agora as afirmações de Dohms a respeito do relacionamento de Igreja e germanidade, seguiremos especialmente esse artigo de Dohms. escrito em 1934, o qual é resumo dos pensamentos por ele fixados desde 1919.

12) *Ibidem*, pág. 125s.

como um valor máximo, negando que ao lado de sua etnia, de seu povo, ainda existam outros que tenham valor para a humanidade – chegaria assim ao nacionalismo. Por isso, quando o ser humano se volta contra a sua finitude, afasta-se de Deus, fica com seu pecado e o multiplica. Se, porém, ao contrário o ser humano reconhecer sua finitude étnica como uma ordenação divina, aí adquirirá uma verdadeira existência, “desistindo de si mesmo e recebendo-se como graça”(13). Por isso Dohms pode afirmar: “Foi o próprio Deus quem atomizou a humanidade, em sua graça, por causa do pecado, em povos, para neste mundo, que é e permanece sendo pecaminoso, onde jamais pode haver uma humanidade, poder levar a seu alvo, ao Reino de Deus, que está nos céus”(14).

A partir dessa sua concepção de povos e etnias como ordenações de Deus, Dohms chega à afirmação de que a fé cristã é uma “visão que vê os povos como uma ordem divina, sem a qual Deus não se tornou, nem se tornará, compreensível para nós”(15). É na finitude – deixem-me dizê-lo com palavras antigas e ao mesmo tempo moderníssimas – que Deus se encarna. Dohms só consegue conceber Igreja como Igreja que se encarna, que veste a roupa de um povo. Igreja jamais pode ser a Igreja que é “Igreja mundial ou da humanidade”. A Igreja que não reconhecer a limitação imposta por Deus, a limitação étnica, “quererá o ilimitado, o definitivo e se identificará a si mesma com o Reino de Deus”(16). O sentido da história da Igreja é para ele: “Individação do cristianismo, i.é, entrada do evangelho nas individualidades criadas por Deus, especialmente nesta ou naquela etnia.”(17)

Com base nessa constatação, Dohms vai perguntar-se pelo relacionamento de povo (etnia) e Igreja na história. Para Dohms, onde não há povo também não pode surgir Igreja, valendo também a recíproca: onde não há Igreja tampouco pode surgir povo. É por isso que a Igreja cria povo, quando este inexistente e, por isso, povo tem que ser Igreja. Pois só onde existem povo e Igreja, o indivíduo e o povo podem compreender-se em sua finitude e se saberem portadores da graça divina. Um povo só chega a compreender que é povo,

13) *Ibidem*, pág. 126.

14) *Ibidem, idem*.

15) *Ibidem, idem*.

16) *Ibidem*, pág. 127. Ao falar da necessidade de uma Igreja étnica, Dohms também pôde argumentar a partir de Jesus. Diz ele que Jesus se soubera enviado a seu povo; por isso, após a ressurreição, vem o envio aos povos: “Ide e ensinai todos os povos”. A Igreja deve, pois, em obediência ao seu Senhor, ser “sempre Igreja dos povos e (é) enviada a este ou aquele povo determinado”. “Toda a Igreja autêntica é Igreja de bases populares”. **Wir wollen Volkskirche**, in: *Jahrweiser* (1937), pág. 40.

17) **Volk und Kirche...** pág. 128.

quando sabe que suas limitações lhe foram impostas por Deus, “para que seja um recipiente de sua graça, que não só lhe perdoa a limitação, mas também a usa como seu instrumento”(18).

Para quem vive depois de Karl Barth essa concepção de Hermann Dohms é algo de arrepiar os cabelos. No entanto, falharíamos completamente em relação a Hermann Dohms, se não reconhecêssemos sua intenção mais profunda, que era a de demonstrar que fé cristã não é algo a-histórico, mas algo que tem a ver com nossa história muito humana e pessoal. Por outro lado, ao analisarmos a teologia de Dohms, vemos o quanto nos falta uma teologia da criação, palavra que se tornou tabu desde o surgimento da escola dialética.

Dentro da realidade brasileira temos que nos perguntar pela validade desta concepção de Dohms. Com seu conceito de povo, adotado do Romantismo, Dohms não consegue divisar no Brasil um povo; na melhor das hipóteses, pode falar aqui de um povo em formação. O que fazer com sua concepção numa época em que, a partir da Semana de Arte Moderna de 1922, se exige a mistura de todos os grupos étnicos, de todos os “povos” que imigraram no Brasil? Dohms não nega a possibilidade de uma assimilação. No entanto, como homem preocupado com sua Igreja, se pergunta: o que perderia o Sínodo Riograndense, como Igreja, caso viessem a se dissolver as bases étnicas? Sua resposta é clara e ao mesmo tempo assustadora: “Perderíamos, por um tempo indeterminado, a possibilidade de uma compreensão total e pura do Evangelho; pois o pleno desdobramento do poder e da compreensão do Evangelho é impossível para o indivíduo, e só se torna possível na família e em seu povo”(19). Dohms prevê que com a dissolução das bases étnicas não haverá, por muito tempo, entrosamento com povo, pois este inexistirá. Este povo só surgirá após um longo processo biológico-sociológico.

Dohms sofreu com esse pensamento, com esta possibilidade de virem a ruir as bases étnicas. Dohms é luterano e o luteranismo surgiu no seio do povo alemão, um povo, no qual, segundo a sua opinião, “o Evangelho penetrou de forma inigualável” e ao qual foi aberta “a compreensão pura do Evangelho”. Caso vier a ocorrer a fusão do grupo étnico alemão com outros grupos étnicos no Brasil, isso significará a inclusão num povo que ainda está em formação e que, além disso, é católico romano. Aqui, então, a Igreja evangélica luterana não mais seria uma Igreja do povo, pois lhe faltaria o povo; ela seria apenas mais uma seita.

18) *Ibidem, idem.*

19) *Ibidem, pág. 129.*

Por isso Dohms só vê uma saída: ser Igreja do povo e procurar sê-lo sempre mais. Nesse contexto, a pregação adquire uma importância vital. A pregação, diz Dohms, pode ser falsificada em um duplo sentido. 1. A Igreja pode servir-se, em sua pregação, de uma deturpação "pietista" do Evangelho, renunciando, "leviana ou inconscientemente, às bases populares". 2. A Igreja pode, frente aos perigos que surgem para o grupo étnico, lançar-se "a uma pregação que liga Evangelho e etnia mui precipitadamente, ou que toma a etnia e sua cultura como conteúdo" (20). Quem conhece a vida e a obra de Dohms sabe o quanto ele lutou para evitar essas duas falsas compreensões de pregação. Para ele essas duas falsas compreensões de pregação não constroem Igreja, nem mantêm etnia. Somente quando a Igreja tiver uma pregação clara e precisa, ela poderá cumprir com sua missão junto a seu povo. A missão da Igreja junto ao grupo étnico alemão é sua missão eclesial. Dohms comenta essa afirmação, ao dizer: "Quanto mais decididamente, como alemães, formos cristãos, — e isso significa: formos seres humanos que reconhecem a ordenação 'povo' como uma ordenação de Deus, relativa ao mundo, para a nossa salvação —, quanto maior for a pureza com que compreendermos o Evangelho de pecado e graça, tanto mais profundamente fundamentaremos também as bases étnicas de nossa Igreja, que... tão somente a partir do Evangelho podem ser compreendidas e apreendidas corretamente como ordenação divina" (21).

Como compreender essa sentença de Dohms? Dohms quer dizer que a Igreja não tem outra coisa a fazer, a não ser "pregar" (22). Preservar germanidade, preservar etnia, não é função da Igreja, mas função do Estado! (Aqui, quer-me parecer, muitos não entenderam Dohms, por não o haverem estudado. É, por esta falta de atenção que vêm sendo ditos os maiores descalabros a respeito de Dohms). A preservação de grupos étnicos é função do Estado. A Igreja somente assumirá funções de preservação de etnia e de valores culturais, "onde o Estado não fizer o que lhe cabe por função" (23). Segundo Dohms, para a Igreja vale aquilo que Cristo afirma a respeito do sábado: "O homem não está aí por causa dela, mas ela está aí por causa do homem, e ela não pode, partindo de uma compreensão de modo algum 'cristã' de sábado e de Igreja, repousar as mãos, em tempo de necessidade, permitindo que seu povo pereça, só porque é 'sábado' ou porque ela é 'Igreja'" (24).

20) *Ibidem*, pág. 131.

21) *Ibidem*, *idem*.

22) *Ibidem*, *idem*.

23) *Ibidem*, pág. 132.

24) *Ibidem*, *idem*.

VI

Este pensamento teológico é o pano de fundo das exigências e do programa de Dohms. É a partir dele que lança apelos para a criação de um sistema educacional do Sínodo (25), fortalecendo as escolas comunitárias, fundando o Instituto Pré-Teológico e o Ginásio Teuto Brasileiro (26), hoje Colégio Sinodal, e para a fundação de uma Escola de Teologia que formasse uma classe de pastores, "que esteja familiarizada e ligada com as situações do país e que dê à Igreja mais e mais o caráter de uma instituição enraizada no povo" (27). Este último ponto somente vem a ser concretizado em 1946, mas jamais cai fora de seus planos. A partir dessa sua concepção de Igreja como uma instituição enraizada no povo, surge também sua exigência de uma "Igreja comunitária autônoma" (28) (*selbständige Gemeindekirche*), que desenvolva e cultive uma vida cultural própria. Esta última exigência passou a ser o *leitmotiv* do Sínodo (29), mas também levou a pressões do Consulado Alemão em Porto Alegre contra as pretensões de Dohms (30). Dohms quer e exige, pois, que a Igreja do grupo étnico alemão seja uma Igreja que tenha suas bases completamente no Brasil e que se atenha às peculiaridades culturais do grupo étnico alemão brasileiro.

VII

São estes os pensamentos de Hermann Dohms até por volta de 1938. A partir desse ano cessa a argumentação, baseada numa concepção romântica de povo e que argumenta com os conceitos de uma teologia das ordenações. A situação de guerra e as medidas nacionalizadoras do governo brasileiro forçam Dohms a concentrar a atividade eclesial ao mínimo necessário. Quem conhece nossa história, sabe que tivemos naqueles tempos o homem certo na direção. Interessante documento desta época são as cartas de

-
- 25) *Die deutsche evang. Kirche in R. Gr. do Sul an der Jahrhundertwende*, in: DEBB 6 (1924), pág. 113.
- 26) Cf. a conclamação de Dohms para a fundação do Ginásio, in: *Evangelische Diaspora* 18 (1936), pág. 95s.
- 27) *Von einer Theologischen Schule in Brasilien*, in: DEBB 2 (1920) pág. 93.
- 28) *D. Dr. Rotermund und die neuere kirchliche Entwicklung in Rio Grande do Sul*, in: DEBB 5 (1923), pág. 153.
- 29) Cf. as expressões do Presidente Dietschi, in *Synodalbericht* (1933), pág. 5.
- 30) Em carta, datada de 8.7.1921, o cônsul alemão Reinhardt dirige-se ao Ministério de Relações Exteriores em Berlim, voltando-se contra o pensamento de Dohms, segundo o qual "a Igreja teuto-evangélica em formação no Brasil deveria tornar-se completamente brasileira em questões políticas". Reinhardt é de opinião que não se poderia concordar com isso (Arquivo do Departamento para o Exterior da Igreja Evangélica na Alemanha: EO 1c, *Vertrauensmann des EOK's für Rio Grande do Sul*).

Dohms dirigidas a Aurélio da Silva Py, Chefe de Polícia do Rio Grande do Sul. As cartas datam de 1939. Ao escrever a Py, Dohms fala sempre do Sínodo Riograndense como da "Igreja Evangélica Luterana" (31) e só pede das autoridades uma coisa: liberdade para pregar o Evangelho na língua em que os membros entendem, pois a Igreja Luterana é a Igreja da Palavra.

Observando-se a situação de pressão (nacionalização – guerra), poder-se-ia chegar a pensar que Dohms faz aqui um recuo tático. À primeira vista pode, realmente, pensar-se assim. No entanto se olharmos a situação posterior a 1945, vamos ver que em Hermann Dohms houve efetivamente uma mudança. Por ocasião do primeiro Concílio Sinodal de após-guerra, realizado em Santa Cruz do Sul, dirigindo-se aos conciliares, Dohms afirmou: "Quero crer que todos nós temos a impressão de que a longa época das cousas de pequena monta para a Igreja Evangélica no Rio Grande do Sul passou já desde há algum tempo. Estamos diante de tarefas grandes, às quais têm que corresponder plenamente a largueza de vistas e a generosidade das nossas atitudes, para que a Igreja possa bem servir às vastas populações evangélicas brasileiras e a esta terra" (32). Dohms não fala mais em grupo étnico germânico; fala em "populações evangélicas brasileiras". — As "cousas de pequena monta" haviam passado. Vinham as cousas de grande monta: a Faculdade de Teologia e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Aos conciliares, reunidos em Santa Cruz do Sul, Dohms ainda diria: "Temos que corresponder à expectativa dos três Sínodos irmãos, dos outros Estados do Brasil, que de nós esperam a iniciativa de uma cooperação mais estreita que, sem interrupção de qualquer ordem, terá por fim o estabelecimento da Igreja Evangélica Luterana no Brasil. Não duvido de que a respectiva moção terá o apoio integral desta Assembléia que bem saberá avaliar a significação da existência de uma Igreja Evangélica Brasileira" (33). De onde provém essa mudança em seu pensamento?

Não temos uma resposta clara; temos apenas duas pistas. 1. Desde fins de 1936 Dohms tem a seu lado um jovem colaborador, um ex-aluno seu, Ernesto Theophilo Schlieper (1909-1969). Schlieper, concluídos seus estudos no Instituto Pré-Teológico, fora para a Alemanha com a finalidade de estudar teologia, ser pastor, para assim, mais tarde, poder colaborar na preservação da germanidade

31) Aurélio da Silva Py, *A 5ª Coluna no Brasil. A conspiração nazi no Rio Grande do Sul*, 2ª edição. (Porto Alegre, 1942), pág. 198ss.

32) *Relatório à 45ª Assembléia Geral Ordinária do Sínodo Riograndense* (Santa Cruz, 1946), pág. 19.

33) *Ibidem*, *idem*.

no Brasil (34). Diz ele textualmente: "A preservação da etnia parecera-me ser a missão mor da Igreja no Rio Grande do Sul." Estudando desde 1931 com Karl Barth, em Bonn, Schlieper descobre ser impossível tornar-se pastor para preservar a germanidade, a etnia. De volta ao Brasil, Schlieper publica, em *Deutsche Evangelische Blätter* (1937), um artigo intitulado: "O domínio de Cristo e a época atual" (35). Nesse artigo Schlieper procurou, com base na epístola aos Colossenses, demonstrar a impossibilidade "de uma teologia autônoma do 1º Artigo". Seguindo orientação da teologia de Barth, afirma "que uma teologia da criação tão somente (é) possível como parte integrante da cristologia". Falar de "ordenações da criação" é, na sua opinião, "falar de um outro Criador que o Pai de Jesus Cristo". Falando em 1948, Schlieper diria: "Os anos 1936 – 1946 nos colocaram, a nós pastores, diante da necessidade de reexaminarmos nossa teologia, de perguntarmos pela base teológica de nossa pregação e de nosso trabalho comunitário. Experimentamos então nossa própria aflição. E aquilo que inicialmente foi caracterizado como uma 'mudança de opinião', isto é, a obediência à proibição de falar língua estrangeira, deve pelo menos ser tido em alta conta, diante do reconhecimento de que o agarrar-se à língua até então usada não fora sempre responsabilizado por motivos confessionais" (36). – Quer-me parecer que Ernesto Schlieper é um dos pontos de apoio para a nova reflexão de Dohms.

2º. Nós, porém, não nos deveríamos esquecer de uma outra pista, na bagagem que Dohms havia colecionado antes da época da crise. Em 1927, Dohms se vê forçado a avançar contra pastores que desejam encaminhar a grupos protestantes de fala portuguesa os membros de comunidade que não mais falam o alemão. Dohms vê nessa afirmação uma superposição da etnia ao evangelho, afirmando que não é a etnia quem faz fé cristã e que, sem língua alemã, a fé cristã continuará a existir. A proposta de seus colegas, ele só pode qualificá-la de "absurda". Na sua opinião, o Sínodo Riograndense comporta comunidades de língua portuguesa (37). Julga que se em uma comunidade for introduzido o ensino confirmatório em língua portuguesa, também deverá seguir o culto divino em língua portuguesa. Critica a Comunidade Evangélica de Buenos Aires, onde apesar de haver Ensino Confirmatório em língua espanhola, há

34) Martin Dreher, op. cit., pág. 255.

35) *Die Christusberrschaft und die Gegenwart*, in: DEBB 19 (1937), pág. 90-96.

36) *Unser Bekennen*, in: Estudos teológicos (outubro de 1948), pág. 6s.

37) *Deutsches Volkstum und deutsche evangelische Kirche in Brasilien*, in: DEBB 9 (1927), pág.

apenas um único culto anual em língua espanhola (38). A Igreja evangélica, diz ele, não depende da continuidade da germanidade: "De modo algum compartilho, pessoalmente, a opinião, que ainda continua a ser expressada entre nós, de que a Igreja evangélica, como tal, dependa da continuidade da germanidade; assim, por exemplo, da continuidade do sistema escolar teuto, uma opinião que chegou a expressar desconhecimento de causa há algum tempo, quando se disse que a Igreja evangélica alemã também cultivava e tenha que cultivar a germanidade, porque senão os pastores evangélicos não teriam o que comer. A Igreja evangélica pode viver muito bem como Igreja evangélica, mesmo se ela não se preocupar nenhum pouco com o trabalho cultural teuto" (39).

Talvez o correto seja ligarmos as duas pistas para chegarmos à mudança, que encontramos em Dohms após 1946. O certo é que devemos ver nessa capacidade de mudança uma grandeza teológica. É dentro desse espírito que ele afirma em 1955: "Que faz a Igreja, que faz a cristandade que é responsável perante Deus? Antes de mais nada: Ela reconhece e confessa sua culpa a Deus. E onde esta coisa primeira não acontece, aí certamente não acontece nada mais, nada que tenha algum significado para mim, para meu próximo e para o mundo. Na confissão de nossa culpa, somente aí é que reconhecemos o ser Deus de Deus, aí temos o verdadeiro, santo Deus que faz morrer em nossos lábios toda a palavra de auto-desculpa ou de arrogância e que nos torna solidários com todos os homens irmãos quando o invocamos também em nome daqueles que não o desejam, dizendo: Senhor, tem piedade de nós." (40).

Em 1947, no Concílio Sinodal de Ijuí, Dohms afirma com uma clareza insofismável que a salvação não está "na conservação ou restauração de instituições eclesiais ou políticas, não em soluções paragrafadas e definitivamente declaradas absolutas e leis de Deus, mas sim na responsabilidade pessoal incomparável que para nós homens e o mundo desesperançoso resulta da Fé viva em Deus Caridade" (41). Dissera-se adeus aos velhos tempos. Ainda em Ijuí, em 1948, por ocasião de um convento pastoral, Dohms apresentou uma palestra intitulada "A doutrina da palavra de Deus e a pregação. Um relato" (42), que é uma confissão clara à teologia de Barth. Em sua palestra, Dohms parte da tese de que a pregação da palavra de Deus

38) *Ibidem*, *idem*.

39) *Kurze Mitteilungen*, in: DEBB 5 (1925), pág. 145.

40) *Relatório Concílio Sinodal* 51 (1955), pág. 4s.

41) *Folha Dominical* 61 (1947), Nº 7, pág. 1s.

42) *Die Lehre vom Worte Gottes und die Predigt. Ein Bericht*, in: *Estudos Teológicos*. (outubro de 1948), pág. 24-47.

é a própria palavra de Deus (Bullinger: “*Praedicatio verbi divini est verbum divinum*”). O teólogo luterano Paul Althaus e a teologia neo-reformatória de Karl Barth e Emil Brunner teriam-no demonstrado novamente. Barth e Brunner voltam-se especialmente contra a cosmovisão do homem moderno, que deve ser caracterizada como sendo “sem Deus” (43). Após haver fracassado a tentativa do neo-idealismo de intermediar entre secularismo e teologia (Troeltsch) (44), seria necessário que agora se compreendesse teologia como doutrina da palavra de Deus. A prédica “se torna palavra de Deus..., onde ocorre por incumbência de Deus, isto é, ali onde em e com os motivos humanos e por meio deles se cumpre uma incumbência dada por Deus, ali, onde Deus se evidencia realmente, através dos motivos humanos, na pregação, como aquele que a exige” (45). Aqui, em 1948, ficou definitivamente claro que Dohms e com ele o Sínodo Riograndense haviam partido para uma nova época (46).

VIII

Dohms pôs-se novamente a trabalhar e certamente não haverá ninguém que venha a dizer que a IECLB não foi seu trabalho. Falando de sua compreensão de IECLB, em 1950, Dohms pôde afirmar que a Igreja é “uma impossibilidade humana e quer ser reconhecida como tal, para que exista puramente como possibilidade de Deus para o homem” (47). A IECLB é dádiva de Deus e só poderá continuar a existir, enquanto ela se compreender como tal: “O ser da Igreja é como dádiva de Deus dado ou não dado. Sendo assim uma congregação que de fato é Igreja sobre o fundamento comum, só poderá afirmar não ter outro fim senão o de ser o que realmente é. Neste caso, porém, deve refletir bem no que ela afirma. Não fala ela de um objetivo, mas sim de uma dádiva” (48). A IECLB existe no Brasil e para Dohms isso significa: “Tem ela aqui sua pátria e seu campo de ação. Constituiu-se aqui como entidade jurídica e administrativa, com os próprios meios materiais, em plena autonomia e em concordância com a legislação brasileira. Tem sua vida

43) “É, em breves palavras, a cosmovisão moderna caracterizada aqui de maneira incompleta como racionalismo, historicismo, naturalismo, relativismo, positivismo ou, resumindo, como secularismo, i.é, como cosmovisão sem Deus”. (ibidem, pág. 26).

44) Ibidem, pág. 29ss.

45) Ibidem, pág. 34.

46) Cf. Martin Dreher, op. cit., pág. 269ss.

47) **Primeiro Concílio Eclesiástico da Federação Sínodal**. (São Leopoldo, 14-16 de maio de 1950), pág. 24.

48) Ibidem, pág. 28.

aqui, no povo e Estado brasileiros, em cujo destino se acha entrelaçado com os seus membros. Procura com todo o seu serviço o bem desta terra e de seu povo. Que a Federação como Igreja resolutamente queira edificar assim e levar assim a co-responsabilidade para que na pátria brasileira seja procurada a honra de Deus, anunciada sua palavra, que sejam ensinados e cumpridos os seus mandamentos, é nisso que reside um dos motivos pelos quais nossas comunidades tão entusiasticamente a acolheram." (49).

No final de sua exposição, Dohms chegou a quatro teses. Essas quatro teses são para mim espelho de uma tremenda continuidade em sua teologia e um legado para nós até hoje:

"1º. A Federação Sinodal é Igreja de Jesus Cristo no Brasil com todas as conseqüências que daí resultarem para a pregação do Evangelho neste país e a co-responsabilidade para a formação da vida política, cultural e econômica de seu povo.

2º. Esta Igreja é **confessionalmente determinada** pela Confissão de Augsburg e o Pequeno Catecismo de Luther, pertence à família das Igrejas moldadas pela reforma de Martin Luther, e quando adotar em lugar de "Federação Sinodal" a denominação de Igreja, o que esperamos para breve, exprimi-lo-á nesta mesma denominação.

3º. Como Igreja assim determinada confessionalmente a Federação Sinodal se encontra na **comunhão das Igrejas representadas no Conselho Ecumênico** as quais admitem o Evangelho de Jesus Cristo, que nos transmite a Sagrada Escritura, como única regra e diretriz de sua obra evangélica e de sua doutrina.

4º. A Federação Sinodal cultiva a **comunhão de Fé com a Igreja Mãe**, a Igreja Evangélica na Alemanha, que pela sua organização básica evidencia a comunhão da cristandade evangélica na Alemanha e se enquadra na ordem da Ecúmena" (50).

Estas teses de 1950 são as teses de 1919, ressaltando-se as mudanças históricas ocorridas. Comparando-se as teses de 1919 com as de 1950, e a Constituição do Sínodo Riograndense de 1922 com a Constituição da Federação Sinodal de 1950 e com a Constituição da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil de 1968, veremos que o pensamento de Hermann Gottlieb Dohms continua na constituição de 1968. Dessa maneira, podemos concluir que a IECLB é o seu maior legado para nós. Nossas crises de identidade são as crises de identidade, pelas quais ele passou.

49) *Ibidem*, pág. 30

50) *Ibidem*, pág. 37s.

IX

Deixem-me finalizar esta exposição com a seguinte reflexão: se Hermann Dohms fosse vivo e nós o perguntássemos pela tão falada falta de identidade da IECLB, ele nos daria diversas respostas e talvez dissesse: nossa falta de identidade, hoje, vem do fato de nos havermos deixado de ser Igreja de um grupo étnico fechado e de não fazermos ainda parte do grupo étnico "brasileiro", do povo brasileiro; nossa crise vem do fato de procurarmos, pela falta de ligação com o povo, uma compreensão individualista (sectária) do Evangelho. O que nós temos que procurar é ser sempre mais Igreja no Brasil.

Interrompo aqui minha exposição e espero ter podido contribuir um pouco para que ressurja o interesse pela figura desse líder eclesiástico e para que, principalmente, tenhamos podido aprender a compreender um pouco de nossa história passada, para assim podermos compreender melhor nossa história presente.